

Variações gnósticas em representações do corpo na contemporaneidade*

Gnostic variations in representations of the body in contemporary times

Luiz Antônio Pinheiro, OSA **

Resumo

Este artigo é resultado da reflexão a partir das leituras realizadas no curso "Aspectos histórico-teológicos da relação corpo-alma e suas novas interpretações no pensamento contemporâneo", ministrado pelo Prof. Dr. Geraldo De Mori, SJ, tendo como pano de fundo nossa pesquisa de doutoramento, cujo fio condutor é a sobrevivência do gnosticismo na contemporaneidade. Na pesquisa procuramos compreender de que maneira o corpo e a carne aparecem como dimensões de convergência e divergência acerca do constitutivo do ser humano, tanto nos chamados "gnósticos cristãos" como na tradição da Igreja. Na presente reflexão, identificamos, nas representações do corpo na contemporaneidade, algumas variações tipicamente gnósticas, em torno ao tema fundamental que caracteriza o gnosticismo, ou seja, o dualismo. Para fazer o contraponto teológico, inspirar-nos-emos em Irineu de Lião, esperando, assim, fornecer alguns elementos que possam resgatar o significado do corpo na unidade básica

* Artigo recebido em 03/05/2019 e aprovado para publicação em 31/05/2019.

** Doutorando em Teologia na FAJE.

do ser humano expressa na clássica representação dual corpo-alma da tradição cristã.

Palavras-chave: Gnosticismo; Corpo; Contemporaneidade; Ser Humano.

Abstract

This article is the result of the reflection from the readings carried out in the course "Historical-theological aspects of the relation body-soul and its new interpretations in the contemporary thought", ministered by Prof. Dr. Geraldo De Mori, SJ, in the background of our PhD research, whose guiding thread is the survival of Gnosticism in the contemporary world. In the research we try to understand how the body and the flesh appear as dimensions of convergence and divergence about the constitutive of the human being, both in the so-called "Christian Gnostics" and in the tradition of the Church. In the present reflection, we identify, in the representations of the body in the contemporaneity, some typically Gnostic variations, around the fundamental theme that characterizes Gnosticism, that is to say, the dualism. In order to do the theological counterpoint, we will draw inspiration from Irenaeus of Lyon, hoping thus to provide some elements that can redeem the meaning of the body in the basic unit of the human being expressed in the classic dual body-soul representation of the Christian tradition.

Keywords: Gnosticism; Body; Contemporaneity; Human being.

Em primeiro lugar, forneceremos as definições de algumas expressões, tais como gnosticismo, contemporaneidade, variações gnósticas, contraponto da tradição cristã e representações do corpo, para então destacar o lugar do corpo na unidade básica do ser humano, como defendido por Irineu de Lião.

O Gnosticismo

O gnosticismo é um movimento religioso que tem seu aparecimento no final do século I e início do século II, do qual temos conhecimento através de uma ampla documentação direta, pelos escritos da assim chamada "biblioteca de Nag Hammadi" e indireta, pelos escritos dos Padres

denominados "heresiólogos". Durante o século I temos notícias de ideias, correntes filosóficas e doutrinas religiosas, que se cruzam na bacia mediterrânea, no bojo do processo de helenização do mundo antigo (desde o século IV AC) e da *pax romana* de Augusto (início do século I dC). Detecta-se aí uma particular forma de conhecimento designada "gnose", que tem por objeto os mistérios divinos, sendo reservada a um grupo de eleitos, acessível por meio de uma iniciação. A "gnose" será encontrada, com roupagens e conteúdos diversos, em várias correntes religiosas e filosóficas disseminadas num grande arco de tempo e espaço, que vai desde a antiguidade até os dias atuais, numa peculiar lógica de reprodução e transmutação.

Segundo G. Firolamo, a "gnose" do gnosticismo

é uma forma de conhecimento religioso que tem por objeto a verdadeira realidade espiritual do homem. Transmitida por um revelador-salvador e garantida por uma particular tradição esotérica, esta está em condição *di per se* de salvar quem a recebe. (FIROLAMO, 1984, col. 1642-1643)

As origens históricas deste complexo movimento constituem ainda hoje um problema insolúvel. Suas raízes psicológicas e motivações religiosas podem, no entanto, ser encontradas numa situação de "angústia existencial" típica de muitos autores e correntes do século I.

Hans Jonas vê nesse movimento uma unidade subjacente, que ele denomina "princípio gnóstico", constituído dos seguintes elementos: uma visão nitidamente religiosa da vida e do mundo; um anelo de salvação; um conceito transcendente da divindade; diversos dualismos (Deus/mundo, espírito/matéria, luz/trevas, vida/morte). Trata-se de uma "religião de salvação transcendente e dualista". Irineu de Lião identificara a gnose como uma heresia cristã. Jonas amplia o leque de sua compreensão, identificando um gnosticismo judaico pré-cristão, um gnosticismo helênico-pagão e a religião de Mani. A gnose é o conhecimento de Deus e da verdadeira natureza espiritual do homem. Adolf Von Harnack, em uma frase famosa, definiu a gnose como a "aguda helenização do cristianismo".

Um dos aspectos fascinantes do gnosticismo é que ele conseguiu dar uma resposta religiosa a muitas inquietações que brotavam de um sentimento de estranheza e de alienação em relação ao mundo circunstante. Interessa-nos em nossa pesquisa, de maneira particular, a vertente cristã do gnosticismo, identificável nos seguidores de Marcião, Valentino (século II) e Mani (século III).

Jonas faz uma acurada análise do pensamento gnóstico em geral em cinco tópicos: teologia, cosmologia, antropologia, escatologia e ética. Acenamos, neste artigo, aos pontos centrais da "antropologia gnóstica": o homem é composto de carne, alma e espírito, reduzindo-se a dois princípios essenciais: o mundano e o extra-mundano. Tanto o corpo como a alma são

produtos de poderes cósmicos que o formaram na imagem do primeiro homem (arquétipo ou "Anthropos" primordial). O espírito, ou pneuma, a parte divina caiu na prisão do mundo. Preso na carne, o pneuma está adormecido e intoxicado pelo veneno do mundo. Está na ignorância. Seu despertar e libertação se darão com o conhecimento, através de um "Revelador" que vem do mundo celestial.

Para os valentinianos, um dos grupos por nós pesquisado, a humanidade divide-se em três grandes categorias: os gnósticos ou pneumáticos (homens espirituais), os psíquicos (os que ainda não se despertaram para sua verdadeira condição) e os ílicos (homens materiais, que nunca vislumbrarão o conhecimento verdadeiro). O verdadeiro gnóstico, o homem espiritual, rejeita e condena totalmente este mundo, porque sabe que aqui vive como um estrangeiro, sua pátria é o pleroma, ou o mundo da plenitude, totalmente espiritual. A salvação consiste em conhecer sua realidade e realizar um caminho de purificação e retorno às suas origens. Ele vive prisioneiro neste corpo que o limita e o impede de alçar vôo para as coisas espirituais. Em decorrência, há a possibilidade de duas atitudes morais básicas: a ascese total para vencer a carne, que deve ser negada e subjugada, ou o relativismo, pelo qual a carne pode ser usada sem escrúpulo, uma vez que não afeta o verdadeiro ser do homem. Este mundo material perecerá na conflagração final.

A sobrevivência do Gnosticismo

O gnosticismo espalhou-se por todo o Império Romano, ultrapassando suas fronteiras. Foi considerado perigoso tanto pelas autoridades da Igreja, que nele viam uma ameaça à integridade da fé recebida dos Apóstolos, como pelos filósofos e aristocracia imperial, que nele divisavam a convulsão da ordem cósmica. Encontraram abrigo numa religião que também foi perseguida, o Maniqueísmo, que chegou até a Índia e a China. Sobreviveu em movimentos de caráter dualista na Idade Média, dentre os quais se destacam os cátaros e os bogomilos. Os gnósticos organizaram-se em pequenos grupos e sociedades secretas. Ideias e tradições gnósticas sobreviveram no esoterismo judaico e em diversas seitas islâmicas de caráter sincretista, os "alídicos". Na Mesopotâmia Meridional surgiu uma religião tipicamente gnóstica, que sobrevive até hoje, os mandeus.

No século XVIII, houve um grande interesse pelo gnosticismo, que motivou um sem-número de pesquisas em torno a ele, de modo que podemos detectar uma parentela muito próxima entre o gnosticismo e o iluminismo, particularmente no idealismo. Ferdinand Christian Baur (1792-1860) é considerado o verdadeiro fundador da pesquisa sobre a gnose. A descoberta dos códices de Nag Hammadi em 1945 trouxe uma nova compreensão do fenômeno. No século XX, Hans Jonas despontou como uma

das maiores autoridades no campo das pesquisas, dando uma interpretação original do fenômeno. De acordo com K. Rudolph, Jonas libertou a gnose de sua "existência de ghetto" científica e esta tornou-se objeto de um interesse mais difundido. Por fim, a partir das pesquisas dos últimos dois séculos, surgiram vários grupos ou "igrejas", que se proclamam "gnósticas", espalhadas por todo o mundo.

Por diferentes caminhos, o gnosticismo sobreviveu, transmutou-se e encontra-se presente no mundo contemporâneo. Em nossa pesquisa, não nos ocupamos em demonstrar a história de sua sobrevivência, mas procuramos identificar de que maneira o "espírito gnóstico" (Jonas) ou a "atitude gnóstica" (Hutin) encontra-se presente na contemporaneidade. Ioan Couliano fornece uma interessante hipótese de como se deu essa peculiar reprodução e transmutação da *forma mentis* gnóstica ao longo dos séculos.

A Contemporaneidade

Designamos a "contemporaneidade" como uma categoria hermenêutica para tentar compreender o mundo em que vivemos, delimitando-o diacronicamente no que se convencionou chamar "era contemporânea" (da Revolução Francesa, 1789, aos nossos dias). No entanto é necessário considerar também uma dimensão sincrônica, na qual identificamos uma espécie de estruturação por camadas epocais, que amalgamam em seu interior as várias eras históricas. Convivem na contemporaneidade algo de "primitivo" do homem em sua longa evolução até chegar ao *Homo sapiens sapiens*, as matrizes culturais gregas, latinas e germânicas, que são a base da cultura ocidental, a medievalidade, com seus aspectos luminosos e sombrios, outonais; a modernidade, com sua pretenciosa "era das luzes" sob o sol da razão e as "sub-eras" da pós-modernidade, pós-pós-modernidade, hiper-modernidade ou como se quiser classificar. Trata-se de um mundo complexo esse no qual vivemos: pluricultural, multidirecional, multifacetado, que torna o homem perplexo.

Segundo Guillebaud, há pessoas e povos que não são contemporâneos, às vezes habitando um mesmo espaço, entre várias gerações, fenômeno típico de nossa "contemporaneidade", coisa que nunca se viu antes na história. Guillebaud se pergunta: "Morando em temporalidades diferentes, será que eles vivem no mesmo mundo?" (GUILLEBAUD, 2001, p. 20).

Mas, afinal, o que é ser contemporâneo? Quem são as pessoas contemporâneas? Como elas se compreendem? Quais são suas questões? Qual sua condição? Como lidam consigo mesmas? Com seus semelhantes? Com os outros seres vivos? Com o mundo que as cerca? Como interagem neste sexto continente que é o mundo virtual?

Ao abordar as “considerações intempestivas” de Nietzsche, Roland Barthes resume o conteúdo do que Giorgio Agamben identificará como contemporâneo: “O contemporâneo é o intempestivo”. E Agamben explicita:

Pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo aquele que não coincide perfeitamente com ele nem se adapta às suas exigências e é, por isso, nesse sentido inatual; mas, precisamente por isso, exatamente através dessa separação e desse anacronismo, ele é capaz, mais que os outros, de perceber e de apreender o seu tempo. (...) A contemporaneidade é, assim, uma relação singular com o próprio tempo, que adere a ele e, ao mesmo tempo, toma distância dele... (AGAMBEN, 2015, p. 22)

Um dos aspectos que procuramos descrever é como se moldam as subjetividades nesse “amálgama epocal” que designamos “contemporaneidade”. A constituição dos sujeitos se dá em contextos culturais, geográficos, históricos. Um dos aspectos característicos da contemporaneidade é a aceleração das mudanças. Mudanças sempre houve no decurso da história. No entanto, as mudanças operadas desde o final do século XIX têm sido rápidas demais. Saltamos de mudanças em escala de proporções aritméticas para geométricas (século XX) e, a partir da virada do milênio para escalas exponenciais (século XXI). As mudanças afetam a maneira de se lidar com o tempo, o espaço e as relações.

Segundo Guillebaud pode-se localizar essa marcha planetária da aceleração mundial nos inícios da década de 1980. Desde então estaríamos vivendo num ritmo que se poderia chamar de “aceleração da aceleração”, o que leva os indivíduos a cultivarem uma paixão dominante em “viver no presente – viver por si mesmo, não por vossos predecessores ou por vossa posteridade” (GUILLEBAUD, p. 22). T. Friedman, por sua vez, fala de “mudanças exponenciais” a partir de 2007, e que o grande desafio do homem contemporâneo é sua capacidade de adaptar-se a esse ritmo acelerado de mudanças. Somente “valores sustentáveis” e “comunidades sustentáveis” formarão “pessoas sustentáveis” nesse mundo já “insustentável” (cf. FRIEDMAN, 2017).

O homem contemporâneo vive então cindido, angustiado, perdido, sem sentido, dividido. Para dar conta dessa aproximação, ao mesmo tempo fragmentária e seletiva do tempo e espaço em que habitamos, algo parecido com “a pele em que habito”, da icônica película de Pedro Almodóvar, cunhamos a expressão “bricolagem hermenêutica”. O homem contemporâneo compreende-se, apreende-se, vê-se, sente-se, cheira-se, percebe-se, escuta-se, toca-se, degusta-se num processo de construção de si mesmo, como uma bricolagem: vai ajuntando-se aos pedaços, como “amor em pedaços”, “seja eterno enquanto dure”, “o importante é agora e esta é a hora”. É, de alguma maneira, a forma de situar-se no tempo, no

espaço e nas relações que lhe toca viver, tecer, condescender. Voltaremos a essa expressão quando falarmos das “representações do corpo”.

As variações do gnosticismo na contemporaneidade

Nesse contexto “contemporâneo” procuramos identificar as matrizes gnósticas, não apenas nas pesquisas de nível acadêmico (para isto bastaria, ainda que ingente, uma revisão da produção bibliográfica), mas no cotidiano dos “simples mortais”. Procuramos assim identificá-las, de maneira panorâmica, nas discussões das questões de gênero, no ciberespaço, no trans-humanismo. Mas o foco de nossa pesquisa centra-se nesse campo que, provisoriamente, chamamos de “cultura da estética corporal”. Ou seja, no universo cotidiano do comum “dos mortais”, há um processo de subjetivação que acontece no mundo da moda, do mercado do luxo, da modelagem estética corporal (cosmética, academias, próteses, implantes, transplantes, manipulação genética), apresentações e representações de si (desde *piercings*, *tatoos* até gestuais e rituais, inclusive religiosos) que traem algo de gnóstico, na medida em que há uma rejeição do corpo real, do processo de “humanização” como até então a humanidade tem conhecido, para a postulação de um “novo homem”, uma “nova humanidade”, com consequências éticas, cuja discussão não escapa nem mesmo a um dos meios de maior popularização das enormes transformações epocais a que estamos assistindo que é o da ficção científica, gênero que construiu um negócio altamente rentável em quase todas as *mídias*.

É essa sensação de estranhamento que leva o homem a buscar refúgio em “respostas alternativas”, dentre as quais detectamos a “postura gnóstica”, a partir do tema básico que o caracteriza, ou seja, o “dualismo fundamental”. Introduzimos então as metáforas “variações” e “contraponto”.

Variações é uma imagem tomada de empréstimo do mundo musical. As sinfonias ou composições têm normalmente um tema básico; sobre esse tema básico há variações temáticas, que podem ser sonantes ou dissonantes. As variações são comuns nas composições instrumentais. O contraponto, outra imagem do mundo musical, é uma técnica usada na composição onde duas ou mais vozes melódicas são compostas levando-se em conta, simultaneamente o perfil melódico de cada uma delas e a qualidade intervalar e harmônica gerada pela sobreposição das duas ou mais melodias.

O grande tema da sinfonia gnóstica: o dualismo fundamental e suas variações

Com relação ao gnosticismo, o tema dominante, que perpassa todos os períodos históricos, desde seu surgimento até a contemporaneidade, é o dualismo. Kurt Rudolph (1987), secundando Jonas, insiste no “dualismo fundamental” como elemento caracterizante do gnosticismo. Esse dualismo é fruto de um amálgama de diferentes procedências (zoroastrismo iraniano, platônico, hindu, gnóstico propriamente), associado ao tema do deus desconhecido e à origem do mal, como uma das questões centrais. Ugo Bianchi propôs uma série de definições do dualismo, chegando por fim à seguinte: “são dualistas as religiões ou as concepções da vida segundo as quais dois princípios – concebidos ou menos eternos – fundam a existência, real ou “aparente”, daquilo que existe e se manifesta no mundo” (BIANCHI, 1976, p. 39). Isso significa que cada um dos dois princípios (que necessariamente não são antagonistas) deve contribuir para a criação de uma determinada parte do mundo. Baseando-se nessa definição, Bianchi exclui as “religiões bíblicas” da categoria do dualismo. (*Id, Ib.* p. 27).

Couliano (2018) faz um interessante estudo sobre o dualismo como “categoria histórico-religiosa”. O dualismo não é marca registrada só do gnosticismo, está presente também em muitas religiões e correntes filosóficas antigas e modernas. Ele retoma os estudos de Ugo Bianchi (1976), que propôs outros traços distintivos dos dualismos: anticosmismo, antissomatismo, encratismo, docetismo, metensomatose, às vezes vegetarianismo. Couliano, ao analisar a tipologia proposta por Bianchi, faz notar que a simples indução demonstra impossível a existência destes traços em todos os testemunhos gnósticos; muito variada é a gama das soluções gnósticas relativas à postura com relação ao mundo, o corpo, a procriação, a ascese, a reencarnação, a encarnação e paixão de Cristo, etc. Não basta a dedução baseada em uma inferência incompleta para convencer-se que todos os sistemas gnósticos deveriam (ainda que não o sejam) ser anti-cósmicos, encratistas, docetas, etc. (COULIANO, 2018, p. 85).

No grande tema da sinfonia gnóstica que ainda continua a ressoar no mundo contemporâneo, persistem, pois, estas variações gnósticas, que são traços senão de todos, ao menos de grande parte dos sistemas gnósticos: anticosmismo, antissomatismo, encratismo, docetismo, metensomatose, às vezes vegetarianismo. Nesse artigo, consideramos o antissomatismo, uma particular forma de “aversão ao corpo”, que procuramos refletir a partir das considerações de Davi Le Breton.

As representações do corpo e o antissomatismo

Os textos de Le Breton são muito sugestivos porque permitem fazer diversas aproximações de temas gnósticos com temas da “modernidade”, como ele costuma designar, segundo nossa compreensão, a “contemporaneidade”. Vejamos algumas dessas possíveis aproximações, relacionadas ao corpo, no que tange principalmente a uma espécie de antissomatismo. Segundo ele, “A imagem do corpo é a representação que o sujeito se faz de seu corpo; a maneira pela qual ele aparece mais ou menos conscientemente a partir de um contexto social e cultural particularizado por sua história pessoal” (LE BRETON, 2011, p. 230-331).

Um pouco antes, utilizamos a metáfora da “bricolagem hermenêutica” como a maneira pela qual o homem contemporâneo procura compreender o mundo e compreender-se a si mesmo. Talvez Hegel tenha sido o último pensador a tentar uma abordagem total do mundo e da história. As guerras mundiais do mais “sangrento e curto século” da história, para usar a expressão de E. Hobsbawn, destruíram não só Hiroshima e Nagasaki, exterminaram milhões de judeus, expatriaram milhões de pessoas, colocando como nunca dantes o mundo em “estado permanente de migração”, mas também destroçaram a pretensão de uma visão unitária da história. Na hipermodernidade o homem contemporâneo vai justapondo visões de si, do mundo, da vida, como num grande caleidoscópio que, a cada virada, lhe dá uma nova perspectiva fascinante do todo e sempre cambiante.

Assim procede também o homem contemporâneo, por bricolagem, na maneira de perceber-se como corpo nesse mundo. Le Breton aborda a mudança dos critérios de conhecimento operada pelo racionalismo dos sécs. XVI-XVII, a partir do qual o que é considerado verdadeiro está no conhecimento científico. Há um divórcio entre saberes populares, veiculados pela tradição, pela comunidade e o saber dos especialistas, de caráter universal, científico. O saber biomédico, típico das sociedades ocidentais, baseia-se na medicina moderna apoiada no anatomofisiológico; construiu-se uma representação oficial do corpo humano; transmite-se um saber esotérico, de domínio da comunidade científica. As pessoas comuns possuem um conhecimento fragmentado do próprio corpo, confuso, rudimentar, superficial.

Segundo Le Breton, “Cada um “bricola” sua visão pessoal do corpo, agenciando-a à maneira de um quebra-cabeça, sem preocupar-se com as contradições. Raramente, com efeito, essa representação aparece coerente, se comparamos os elementos que a compõem” (LE BRETON, 2011, p. 136). Um doente ora busca um médico generalista ou um especialista no órgão ou na função que o faz sofrer; dessa forma, ele se encontra no modelo anatomofisiológico do corpo. Mas, se a medicina tradicional fracassar, ele não hesita em procurar um curandeiro, ou recorrer a um magnetizador ou

a um benzedor; a peregrinação pode estender-se também aos médicos “suaves”: homeopatas, acupunturistas ou osteopatas. Dessa forma,

As significações vinculadas ao homem e ao seu corpo põem-se a flutuar, a associarem-se entre elas indiferentemente, a enxertarem-se mutuamente: mundivisões orientais, ioga, xamanismo, zen, acupuntura, massagens das diversas tradições, artes marciais, orações poderosas, correntes de oração... mudam-se em puras tecnologias corporais (...) Várias camadas de saberes relativos ao corpo se superpõem, e o ator em busca do tratamento eficaz não é absolutamente incomodado em passar de um tipo de curador a outro, segundo as características de seu problema. (LE BRETON, 2011, p. 137-138)

Uma das representações do corpo que mais causam sensação é a do sonho da “eterna juventude”, com o drible canhestro das rugas e osteoporoses, o transplante para o corpo da leveza de uma alma eternamente jovem, como cantou Bob Dylan e tem sido repetido à exaustão por tantas bandas ao redor do mundo, *Forever Young!* A esse respeito, observa Le Breton:

O envelhecimento, em termos ocidentais, marca a redução progressiva ao corpo, uma espécie de escravização a uma dualidade que opõe o sujeito ao seu corpo e o torna dependente deste último. A doença, a dor são outros exemplos, mas provisórios, da dualidade inerente à condição do homem, mas o envelhecimento está aqui associado a uma dualidade definitiva. (*Id., ibid.*, p. 226)

Na “modernidade”, há duas vias aparentemente divergentes que traduzem suas intenções acerca do homem. Por um lado, encontra-se a “via da suspeita e da eliminação”, por causa da fragilidade, falta de resistência e desgaste inexorável do corpo. “Visão moderna e laicizada da *ensomatose*, o corpo é então, em uma perspectiva quase gnóstica, a parte maldita da condição humana, parte que a técnica e a ciência felizmente concordam em remodelar, refazer, “imaterializar”, para, de certa forma, livrar o homem de seu embaraçoso enraizamento de carne.” (*Id., ibid.*, p. 351). Por outro lado, encontra-se a “via da supervalorização e da otimização das partes”, pois, na medida em que o corpo, “considerado distinto do homem que ele encarna perde seu valor moral, mais aumenta seu valor técnico e mercantil”; “o corpo é uma matéria rara”:

Hoje as realizações da medicina e da biologia (transplante de órgãos, transfusão de sangue, prótese, manipulações genéticas, procriação assistida etc) abriram o caminho para práticas novas pelas quais se anuncia um futuro próspero. Elas deram o valor de um objeto de preço inestimável em vista da demanda. (*Id., ibid.*, p. 352)

A medicina ocidental realizou “uma **primeira ruptura antropológica**”, na medida em que tirou o corpo do homem do domínio do próprio homem, exilando-o de seu contexto comunitário, onde os saberes populares dele tratavam de forma respeitosa, considerando a pessoa em seu todo. Dessa feita, a medicina arvorou-se no “direito de fazer dos despojos humanos um puro objeto, podendo produzir conhecimento graças ao seu desmantelamento metódico” (*Id., ibid.*, p 355). Tal ruptura antropológica beira a gnose:

O corpo humano, objeto dessas transferências, é aí como uma espécie de *alter ego*: ele permanece signo do homem, mas já não é inteiramente o homem, na medida em que são legítimos sobre ele procedimentos que seriam socialmente percebidos como inaceitáveis ao homem e não a um corpo dissociado. A divisão que distingue provisoriamente o homem de seu corpo protege de uma interrogação perigosa. (*Id., ibid.*, p. 355-356)

O sociólogo francês explora as muitas facetas do “poder demiúrgico” dos médicos e cientistas, que vai desde a possibilidade de monitorar a gravidez fora da mulher; realizar a procriação sem sexualidade; a utilização de um útero ocasional até a técnica da clonagem, a geração por eugenia; a fabricação de modelos humanos quase perfeitos (cyborgs), sem descartar as inúmeras possibilidades da farmacologia; os avanços da neurociência: o homem muitas vezes acaba sendo reduzido às substâncias que nele interagem; os fenômenos anímicos e espirituais são reduzidos a manifestações neuroquímicas.

Para esses novos mestres do conhecimento que eleva a humanidade ao patamar da quase imortalidade, suas práticas, ainda imperfeitas e susceptíveis de avanços cada vez maiores, revestem-se apenas de “dificuldades técnicas”; seu interesse é dissociar cada vez mais os vínculos entre o homem e seu corpo, postulando uma visão apenas instrumental do corpo: “O dualismo que sustenta a medicina moderna é aqui claramente nomeado” (*Id., ibid.*, p. 357). Oculta-se aqui a questão antropológica por excelência.

Aliás é preciso sublinhar a negação da morte sobre a qual se funda a medicina ocidental: expandindo sempre os limites da vida, ela provisoriamente põe a morte em xeque, mas frequentemente traz mais anos à vida que vida aos anos. E, ao mesmo tempo, ela faz sempre mais da morte um fato inaceitável que é preciso combater (...) A medicina nos desaprende a morrer, faz da morte uma alteridade absoluta, que nada vincula à condição humana. Suscitando uma luta obstinada contra um dado antropológico essencial da vida coletiva, por uma repressão neurótica que não se pode iludir, a medicina multiplica a morte na vida... (*Id., ibid.*, p. 360- 361)

As representações do corpo: hibridismo humano-animal e anticosmismo

Podemos divisar outra faceta do antissomatismo como variação gnóstica presente na contemporaneidade, mas que tem raízes ancestrais, no trato cruento e violento que se faz com os animais. Baseando-se nos estudos de René Girard, Susin e Zampieri (2015) assinalam que a confusão estabelecida nas relações entre o ser humano e o animal, como uma espécie de "hybris" (a interpretação aqui é nossa), tem a ver com uma projeção da satisfação dos desejos humanos que beira a divinização, de si e dos próprios animais, num aspecto nitidamente idolátrico:

Sacrifícios e idolatria são intrinsecamente implicados, os desejos produzem sacrifício e idolatria. (...) Os animais são, em conclusão, além de sacos de pancada e vítimas substitutivas, também representantes substitutivos da satisfação dos desejos humanos, ao mesmo tempo projeção idolátrica e sacrifício inocente: carregam o nosso peso, são usados como remédios cruentos, tornam-se nosso entretenimento, e afinal nós os comemos. (SUSIN; ZAMPIERI, 2015, p. 192)

Pretendemos impor aos animais uma responsabilidade ética que não são obrigados a carregar. Por outro lado, muitas vezes se quer impostar-lhes uma função de parceria que só entre humanos é possível; não é possível ao homem colocar-se diante do animal "face a face" e dizer-lhe: "osso de meus ossos, carne de minha carne". A tendência a confundi-los hibridamente como humanos e a divinizá-los, esconde, em última análise, a projeção do desejo de ser como Deus. O caso mais clamoroso dessa perversão idolátrica é o do touro ou "bezerro" de ouro.

Ocorre, em última instância, uma confusão entre o humano e o animal – "ficam como eles" todos os que a eles se entregam. Por isso também não é inocente a figuração de uma águia, de um falcão ou de um leão, de uma pantera – animais predadores – como emblemas em bandeiras de um povo inteiro, de uma nação, de um império afinal, tal como pretenderam romanos, incas, ingleses, americanos. (SUSIN; ZAMPIERI, 2015, p. 220-221)

Após analisar as interpretações equivocadas acerca do domínio humano sobre os seres vivos, principalmente os animais, e de ter considerado o comum destino de homens e animais que caminham peremptoriamente para a morte, os autores se perguntam sobre quando começou o distanciamento e o estranhamento do homem em relação aos animais, no conjunto harmonioso da criação. Talvez se pudesse constatar

que se tratou de algo progressivo até a sua exacerbação na Modernidade industrial, mercantilista, fetichista e consumista. No entanto, aventam uma hipótese, que carece de um exame mais aprofundado:

... quando, até mesmo em Israel, na fase tardia do Primeiro Testamento, a mentalidade helenista acentuou uma forte dualidade entre corpo e alma, com distância cada vez mais demarcada entre o animal "racional" e os animais "irracionais", então o animal humano e os animais não humanos começaram a ganhar destinos bem mais distintos, até opostos. O ser humano, por sua alma *racional*, está destinado à participação no logos eterno, o que não acontece às demais formas de vida animal ou vegetal. Em outras palavras, aqui está uma dissociação *metafísica* que, a partir dos textos pós-exílicos do Primeiro Testamento, alguns já escritos em grego, torna progressivamente a compreensão da vida eterna e a promessa de ressurreição dos mortos um privilégio humano e uma distinção intransponível. (SUSIN; ZAMPIERI, 2015, p. 235-236)

No livro do Apocalipse, além de Deus, com exceção dos quatro grandes animais que estão junto do trono celeste (que foram interpretados pelos Padres da Igreja como figuras aplicadas aos quatro evangelistas) e o "Cordeiro imolado como que em pé", no céu só existem homens e anjos. Há por trás desse "exclusivismo tão asséptico e tedioso" uma razão de fundo. Não é possível que na exuberante variedade da criação, com todas as espécies vivas, apenas a espécie humana venha a participar da glória definitiva.

O problema reside basicamente, a nosso ver, na forma *definidora* e excludente do pensamento grego e ocidental em geral: a definição de uma identidade, no caso, se dá em contraposição e exclusão do que ela *não é*, sobretudo do seu contrário: isto sim, aquilo não! *Isto é, aquilo não é!* Essa forma de pensar impõe ao texto hebraico, provindo de uma sensibilidade semita, uma redução que não está no original.

No Novo Testamento, mesmo escrito em grego, não há um pensamento excludente em relação aos animais. O texto sagrado integra pardais, pássaros do céu, lírios do campo no cuidado de Deus, assim como também os seres humanos (*cf.* Mt 6,28; 10,32; Lc 12, 6;27). Numa visão mais bíblica e abrangente, a interpretação anticosmista, acenada um pouco antes, vem superada:

Afirmar, por exemplo, a ressurreição dos mortos não é delimitar, impor um confinamento, uma barreira e um privilégio excludente, é antes um *símbolo* no melhor sentido da palavra: contém em si, como sinal eficaz, como sacramento de algo mais do que ela mesma, a certeza de uma *Nova Criação*, com *Novos Céus e Nova Terra*. Em vez de

impor fronteiras e exclusão identitária, para uma boa interpretação bíblica é necessário recuperar a generosidade das relações, da abertura e da inclusão, próprias da criação. Somente assim é possível fazer justiça às criaturas e ao Criador segundo o texto que funda a fé judaico-cristã (Id., *ibid.*, p. 236-237)

O contraponto cristão

Já na época dos primeiros apologistas, a Igreja tomou nitidamente distância de Marcião e dos gnósticos: combateu o seu anticosmismo, indignou-se com o seu encratismo (defendendo ao contrário o matrimônio), condenou a doutrina dos docetas e distanciou de seu seio aqueles de quem suspeitava de dualismo, como Orígenes e seus discípulos. As várias correntes gnósticas negam, em geral, a bondade do Criador, a “inteligência ecossistêmica” que dá ordem ao universo visível. Para elas, o mundo – mesmo quando não é objeto de uma apreciação negativa – é sempre resultado de um erro e o seu Demiurgo é, em todo caso, ignorante no momento da criação, mesmo se em seguida se torna capaz de receber a iluminação. A Igreja defenderá, em todas as frentes, a unicidade de Deus e de seu Cristo, bem como dos dois testamentos: o Criador é o único Deus, o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. O Deus do Antigo Testamento é o Deus bom anunciado por Jesus. O Verbo eterno de Deus nasceu, morreu e ressuscitou. O homem é criado “à imagem e semelhança de Deus”, corpo e alma são elementos constitutivos do ser humano.

A obra “Contra as heresias” (*Adversus haereses*), de Irineu de Lião, é considerada o primeiro “tratado sistemático” de teologia. Nela, Irineu aborda a estreita ligação que há entre criação e salvação. Ele expõe e refuta as doutrinas que as dissociavam, como acontecia com os valentinianos, os basilidianos, os marcionitas e outros docetas, os quais desprezavam a carne e afirmavam que o *pneuma* era a verdadeira realidade do homem. A realidade espiritual do verdadeiro gnóstico fazia parte do mundo divino, o pleroma, enquanto o homem psíquico e o homem material seriam fruto de um ato desqualificado de um criador ou demiurgo. Cristo veio para revelar o Deus-Pai, superior ao Deus-criador. Irineu demonstrará, ancorado no credo da Igreja, fundado na correta interpretação das Escrituras, através da *regula fidei*, e não nas especulações dos gnósticos, que o mesmo Pai de Jesus cria e salva o homem, assim como o mesmo corpo carnal é fruto da criação e objeto da obra salvífica do Deus único. Segundo X. Lacroix, “O *leitmotiv* de toda a sua obra é: ‘Um só e o mesmo’.” (LACROIX, 2009, p. 164).

Os aspectos mais importantes da antropologia de Irineu são desenvolvidos no Livro V de sua obra mestra e podem ser resenhados da seguinte maneira: exposição da doutrina da ressurreição da carne e recapitulação de todas as coisas em Cristo. O argumento central é: a carne é capaz de morte e de vida, de corruptibilidade e de incorruptibilidade. O

homem é um composto de alma, corpo e espírito. O espírito é a dimensão divina que não morre, insuflada no corpo mortal. No entanto, os três elementos constitutivos do homem devem ser restaurados e reunidos por meio da ressurreição. Assim como Cristo, pelo poder de Deus, a substância de nossa carne ressuscitará. O espírito é parte da glória prometida por Deus. Ele guia para a santificação se observarmos os seus mandamentos. A alma ora se deixa levar pelo espírito ora pela carne. Quem pratica as obras da carne, entretanto, não herdará o reino dos céus. É pelas obras do espírito que somos vivificados. Cristo recapitula em si todas as coisas. O anticristo irá recapitular em si toda a apostasia. A restauração dos justos se dará posteriormente ao advento do anticristo e da eliminação das nações submetidas à sua autoridade. Cristo triunfa sobre o anticristo.

Vejamos alguns trechos paradigmáticos do Livro V, reportados por Lacroix, de maneira especial com relação a um dos conceitos centrais da antropologia cristã, o homem criado à "imagem e semelhança" de Deus (cf. Gn 1,26). Em primeiro lugar, Irineu reforça a bondade da carne, oriunda do barro da terra, com o qual foi plasmado o homem. A carne participa da arte, da sabedoria e do poder de Deus:

Foi tomando barro da terra que Deus modelou o homem. A carne se mostrará capaz de receber e de conter o poder de Deus, já que no começo recebeu a arte de Deus. Ora o que participa da arte e da sabedoria de Deus, participa igualmente de seu poder. Portanto, a carne não está excluída da arte, da sabedoria e do poder de Deus, mas o poder de Deus que procura a vida se manifesta na fraqueza, isto é, na carne. (IRENEU, *Contra as heresias*, V, 3, 2 e 3)

Lacroix observa com acuidade que, como consequência, o homem todo é espiritual ou chamado a tornar-se espiritual, e não apenas uma sua parte, o "espírito": "Aqui se entreabrem perspectivas estimulantes para uma compreensão não intelectualista da relação de Deus com o corpo e com o sensível" (LACROIX, 2009, p. 165). O valor da contribuição de Irineu reside, segundo ele, em associar a semelhança à manifestação sensível do próprio Deus, através da encarnação de seu Filho, combatendo firmemente a dissociação entre carne e espírito, que comporta, por sua vez, uma dissociação entre natureza e graça, o homem e Deus. Para Irineu, o homem inteiro, em sua carne, foi criado e modelado segundo a imagem de Deus:

Pelas mãos do Pai, isto é, pelo Filho e pelo Espírito, é o homem e não parte do homem que se torna à imagem e semelhança de Deus. Ora, a alma e o espírito podem ser uma parte do homem, mas de modo algum o homem: o homem perfeito é a mescla e a união da alma que recebeu o Espírito do Pai e que foi misturado à carne modelada segundo a imagem de Deus. Com efeito, se for descartada a substância da carne, isto é, da obra modelada, para só considerar o que é propriamente espírito, tal coisa não é mais o homem espiritual, mas o espírito do homem, ou o Espírito de Deus. Ao

contrário, quando esse Espírito, misturando-se à alma, se uniu à obra modelada, graças a essa efusão do Espírito encontra-se realizado o homem espiritual e perfeito, e esse mesmo é que foi feito à imagem e semelhança de Deus. (IRENEU, *Contra as heresias*, V, 6,1)

Ao introduzir nesse ponto o tema da encarnação, mudam-se os dados do problema: “com a Imagem tornada visível, então a semelhança pode ser o lugar de um reconhecimento” (*Id., ibid.*, p. 165).

Nos tempos anteriores, com efeito, dizia-se bem que o homem tinha sido feito à imagem de Deus, mas isso não aparecia porque o Verbo ainda estava invisível, esse Verbo à imagem do qual o homem tinha sido feito; aliás, por esse motivo é que a semelhança era facilmente perdida. Mas, quando o Verbo de Deus se fez carne, confirmou uma e outra: fez aparecer a imagem em toda sua verdade, tornando-se ele mesmo aquilo que era sua imagem, e restabeleceu a semelhança de maneira estável, tornando o homem plenamente semelhante ao Pai invisível por meio do Verbo tornado agora visível. (IRENEU, *Contra as heresias*, V, 16,1 e 2)

Lacroix afirma que, ao retomar de São Paulo a noção de corpo espiritual, Irineu vai mais longe do que ele quando toma em conta a dimensão carnal em sua caducidade, corruptibilidade, total fraqueza, também ela destinatária da promessa da ressurreição:

Que há de mais ignominioso do que uma carne morta? Ao contrário, que há de mais glorioso do que essa mesma carne uma vez ressuscitada e tendo recebido em partilha a incorruptibilidade: ‘Semeada na fraqueza, ela ressurgirá no poder’. A fraqueza da carne de que se trata aqui é a carne que, sendo terra, vai para a terra; mas o poder é o de Deus, que ressuscita dentre os mortos. (IRENEU, *Contra as heresias*, V,7,2)

Considerações finais

Nossa intenção neste artigo foi a de identificar, nas representações do corpo na contemporaneidade, algumas variações tipicamente gnósticas, em torno ao dualismo gnóstico. A partir dessa identificação, procuramos resgatar, de acordo com a tradição cristã, a unidade básica do ser humano em sua representação dual corpo-alma, na qual o corpo caracteriza-se como uma dimensão constitutiva do ser humano.

A contemporaneidade, mais do que uma tipificação cronológica, como procuramos explicitar, deve ser entendida como uma “categoria hermenêutica”, chave de compreensão da emergência de novas subjetividades. Para isso, estabelecemos um corte diacrônico e um corte

sincrônico. O corte sincrônico assenta estaca a partir da Revolução Francesa, chegando aos dias de hoje, tendo em seu bojo o que se convencionou chamar "modernidade". O corte sincrônico tem alguns fenômenos caracterizantes, dentre os quais o mais significativo é o da "justaposição epocal", ou seja, a coexistência de distintas *formae mentis*, das várias épocas históricas, que lançam luzes sobre a plural concepção do que identifica o homem como humano.

Sem pretender demonstrar como o gnosticismo sobreviveu ao longo da história, procuramos detectar sua presença na contemporaneidade por meio do que denominamos "variações gnósticas", de modo particular em algumas representações do corpo. A partir daí quisemos também destacar, como contraponto, a concepção da tradição cristã acerca do corpo, como dimensão constitutiva do ser humano.

Na "grande sinfonia gnóstica", centramo-nos no "princípio gnóstico", ou seja, o "dualismo fundamental", que estabelece uma oposição ou separação entre alma/espírito e corpo/carne. Detectamos como "variações gnósticas" o antissomatismo, o hibridismo e o anticosmismo. Com Le Breton, explicitamos o antissomatismo, uma "particular forma de aversão ao corpo", perceptível na compreensão bricolada do corpo, tanto em sua vertente de negação como de supervalorização do corpo, as quais dissociam-no do homem, tornando-o um mero instrumento. Nessa "ruptura antropológica" se denuncia uma pretensão demiúrgica que elude uma das principais questões humanas: a morte.

O hibridismo, como descrevem Susin e Zampieri, consiste na tendência em confundir os animais como humanos; ao divinizá-los, se esconde a projeção do desejo humano de ser como Deus. Junto com esta variação, detectamos outra variação, o anticosmismo, um "exclusivismo asséptico e tedioso" que nega qualquer racionalidade aos animais, além de expulsá-los da eternidade espiritual, herança só merecida pelos homens.

Por outro lado, encontramos, em Irineu de Lião, o contraponto cristão que, fundado na tradição bíblica, de caráter unitário, considera o corpo como dimensão constitutiva do ser humano: ele é fruto da obra criadora de Deus, é bom; a carne é capaz de morte e de vida, de corruptibilidade e também de incorruptibilidade. Os "três elementos constitutivos do homem" – corpo, alma e espírito – são restaurados e reconstituídos na ressurreição.

Na concepção do homem, "criado à imagem e semelhança de Deus", não é só a alma que é o lugar da imagem de Deus, mas corpo e alma, o homem todo. A carne, o barro do qual foi plasmado o corpo, participa da arte, da sabedoria e do poder de Deus. O homem todo é chamado a ser espiritual, a ter a vida em Deus, a gozar de sua glória e receber seu poder. Na encarnação do Verbo, por sua vez, a imagem aparece em toda a sua verdade, e ao tornar-se homem (corpo e alma), o Verbo torna-se Ele mesmo aquilo de que era imagem. Se, por uma parte, a carne mortal é sinal do limite e da caducidade humana, por outra parte, pelo poder de Deus, na ressurreição, torna-se gloriosa e incorruptível.

Como perspectiva de pesquisas futuras, poderemos servir-nos ainda das metáforas musicais “variações” e “contraponto” para identificar outros aspectos que confirmam a sobrevivência do gnosticismo na contemporaneidade, em diversas representações do corpo, assim como autores antigos e contemporâneos que dialogam com esses temas desde a tradição cristã. Alguns desses aspectos, apenas citados nesse trabalho, são as tendências demiúrgicas, a metensomatose e o vegetarianismo. Dentro da tradição cristã, um autor privilegiado para o contraponto é Tertuliano de Cartago.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Nudez*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

BIANCHI, Ugo. *Prometeo, Orfeo, Adamo*. Tematiche religiose sul destino, Il male, la salvezza. Roma: Ateneo e Bizarri, 1976.

COULIANO, Ioan Petru. *I miti dei dualismi occidentali*. Dai sistemi gnostici al mondo moderno. 2ª ed. Milano: Jaca Book, 2018.

FRIEDMAN, Thomas L. *Obrigado pelo atraso*. Um guia otimista para sobreviver em um mundo cada vez mais veloz. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

HUTIN, Serge. *Lo gnosticismo*. Culti, riti, misteri. Roma: Ed. Mediterranee, 2007.

JONAS, Hans. *La religión gnóstica*. El mensaje del Dios extraño y los comienzos del cristianismo. 2ª Ed. Madrid: Siruela, 2003.

LE BRETON, David. *Antropologia do corpo e modernidade*. Petrópolis: Vozes, 2011. 407 p.

FIROLAMO, Giovanni. Gnosi/gnosticismo. In: **DI BERARDINO**, Angelo. *Dizionario Patristico e di Antiochitá Cristiane*. Vol. I. Casale Mopnferrato: Marietti, 1984, coll. 1642-1650.

GUILLEBAUD, Jean-Claude. *La vie vivante: contre les nouveaux pudibonds*. Paris: Les Arènes, 2011.

RUDOLPH, Kurt. *Gnosis. The nature & history of gnosticism*. Translation ed.: Robert MacLachlan Wilson. San Francisco: Harper Collins Publishers, 1987.

SUSIN, L.C.; **ZAMPIERI**, G. O olhar da tradição bíblica sobre os animais. In: *A vida dos outros*. Ética e teologia da libertação animal. São Paulo: Paulinas, 2015. P. 175-248.